

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ANA BEATRIZ DOBELIN DE OLIVEIRA

**O CONSUMO DE CONTEÚDO NAS REDES SOCIAIS E SEUS IMPACTOS NA
SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS**

São Carlos

2024

ANA BEATRIZ DOBELIN DE OLIVEIRA

**O CONSUMO DE CONTEÚDO NAS REDES SOCIAIS E SEUS IMPACTOS NA
SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Name Risk

São Carlos

2024

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ser meu porto seguro e acreditar em mim quando nem eu acreditei. Agradeço por darem asas a todos os meus sonhos e sempre torcerem por mim, sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus amigos de curso e ao meu namorado, Pedro, companheiros na minha jornada de tornar-se psicóloga. Obrigada por todas as conversas, conselhos, abraços e momentos de troca nestes anos de graduação. A presença e apoio de vocês muitas vezes foi o que tornou os desafios menos assustadores para que eu tivesse coragem de enfrentá-los.

A Nathalia, que além de amiga, contribuiu como assistente de pesquisa neste trabalho, dedicando-se a ele como se fosse seu. Obrigada pelo apoio e parceria, guardarei com carinho cada conversa compartilhada.

Ao meu orientador, Eduardo, por sempre acreditar e confiar no meu trabalho, aceitando me guiar nesta trajetória. Agradeço pela compreensão, dedicação e acolhimento. Seu auxílio foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Por fim, aos participantes desta, que aceitaram contribuir de bom grado para minha formação, me confiando seus relatos e cedendo o seu tempo.

RESUMO

O advento das Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs) têm impactado as relações de sociabilidade na infância e o desenvolvimento psicossocial de crianças. O acesso às redes sociais e o consumo de conteúdos em plataformas de *streaming*, postados por *youtubers/influencers* mirins, têm sido ofertados como oportunidade de entretenimento para crianças durante a segunda infância. É importante investigar o papel das TICs na difusão de modelos, valores e padrões de conduta às crianças. O presente estudo teve por objetivo compreender como conteúdos publicados nas redes sociais e nas plataformas de *streaming* por *influencers* mirins contribuem para a formação da subjetividade na infância. Foi realizado estudo qualitativo, exploratório e transversal do qual participaram quatro crianças com idade entre 8 e 12 anos que consomem conteúdo digital produzido por outras crianças: os chamados *youtubers/influencers* mirins. Além disso, um de seus responsáveis (pai, mãe ou avós) também foi entrevistado (três adultos). O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar (CAAE No. 69404523.6.0000.5504). Os dados coletados foram analisados segundo a técnica de Análise Temática Indutiva e divididos nas seguintes categorias: (a) Caracterização das crianças participantes, (b) Caracterização do uso das redes, (c) Principais conteúdos, (d) Comparação e reprodução de comportamentos.

Palavras-chave: subjetividade, infância, redes sociais, sociabilidade

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características sociodemográficas da família dos participantes	17
Tabela 2: Conteúdos de interesse dos participantes.....	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Subjetividade e infância no contexto contemporâneo	12
1.2. A teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner	12
2. OBJETIVOS	16
3. MÉTODO	17
3.1. Delineamento do estudo	17
3.2. Participantes	17
3.3. Instrumentos	18
3.4. Procedimento	19
3.4.1. Coleta de dados	19
3.4.2. Análise dos dados	20
3.5. Cuidados éticos	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1. Caracterização das crianças participantes	21
4.2. Caracterização do uso das redes	22
4.3. Principais conteúdos	26
4.4. Comparação e reprodução de comportamentos	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	40
ANEXOS	55

1. INTRODUÇÃO

Os espaços socializadores do mundo moderno não se restringem à socialização primária realizada comumente pela família. Na socialização primária, a criança depara-se com outros significativos que são responsáveis pela mediação entre ela e o mundo social objetivo. Assim, “a criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais, quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação” (Berger & Luckmann, 2008, p. 176). Conforme os referidos autores, por meio da identificação com os outros significativos, o imaturo pode ser capaz de reconhecer a si mesmo. Trata-se de processo dialógico, que compreende a identificação pelos outros e a autoidentificação, fundamental para a construção da subjetividade.

Na socialização secundária, instituições como a escola, as redes sociais, as religiões e a mídia transmitem padrões e modelos de conduta às gerações, tornando-se “responsáveis pela produção e difusão de patrimônios culturais diferenciados entre si” (Setton, 2002, p. 109). À luz da socialização secundária, é importante investigar o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na difusão de modelos, valores e padrões de conduta.

Segundo pesquisa TIC Kids Online Brasil de 2021, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), atualmente, 93% dos brasileiros com idade entre 9 e 17 anos são usuários de internet, sendo que 79,9% afirmaram acessar a plataforma mais de uma vez por dia. Além disso, 78% afirmaram ter perfis em redes sociais, sendo que as plataformas de criação e compartilhamento de conteúdo audiovisual estão entre as mais utilizadas tais como redes sociais (Instagram, TikTok, Facebook, dentre outras) e plataformas de *streaming* (YouTube, Netflix, dentre outras).

As redes sociais digitais podem ser entendidas como a macroestrutura tecnológica que dão suporte a um conjunto de atores (sujeitos e instituições) conectados por laços sociais, os quais são formados, mantidos e reforçados por relações sociais, que se concretizam nas plataformas pela troca de conteúdos de formatos distintos (textual, sonoro, audiovisual, imagético etc.) (Vermelho et al., 2014). Tais espaços, funcionam como ambiente onde os indivíduos/usuários podem expor suas opiniões e realizar interações a distância, ganhando espaço para contar sua própria narrativa de forma ativa.

Ao permitir comunicação instantânea e síncrona, as redes sociais facilitam a interação digital e o possível estabelecimento de vínculos. Segundo Rosa e Santos (2015), interações virtuais auxiliam na continuidade dos relacionamentos existentes no mundo real, intensificando-os, bem como favorecem o desenvolvimento de relações com outros indivíduos

a distância. Além disso, tais interações possibilitam, segundo os autores, o contato dos usuários com grupos de interesses semelhantes que geram sensação de pertencimento e abrem espaço para o desenvolvimento de identidade social. Esse espaço online torna-se extremamente atraente para as crianças, uma vez que possibilita para elas, que passam grande parte do seu dia a dia tendo suas histórias ditadas por narrativas adultas, o compartilhamento com o mundo segundo suas próprias narrativas.

Cada vez mais os chamados *influencers/youtubers* mirins, crianças e adolescentes que postam/desenvolvem “conteúdo” para a internet e, como consequência, conquistam seguidores em suas redes sociais, têm participando ativamente da difusão de valores, modelos e códigos de referência para seus espectadores (Jorge, 2019). Como exemplo desta nova categoria de internautas, Tomaz (2017) aponta o caso de Júlia Silva, *youtuber* que ingressou na rede em 2011, com seis anos de idade. Esta *youtuber/influencer* mirim aos poucos foi conquistando público de modo que, aos nove anos, momento em que Tomaz realizou seu estudo, tinha mais de um milhão de seguidores em seu canal, produzindo cerca de cinco a sete vídeos semanais. Atualmente, consulta ao canal de Júlia Silva, realizada em janeiro de 2024 pela pesquisadora, dispõe que, aos 18 anos, a garota acumula 4,6 milhões de seguidores que acompanham sua rotina como estudante no exterior.

Pesquisa realizada para o ESPM Media Lab., por Corrêa (2016), que teve como objetivo compreender o uso das plataformas digitais por crianças no Brasil, apontou que, à época, o YouTube era a rede social mais acessada por essa faixa etária, permitindo o consumo e a publicação de conteúdo no site. O estudo também dividiu os conteúdos de maior interesse para crianças em seis categorias principais: (a) *games* (categoria que corresponde a vídeos sobre jogos e *gameplays*); (b) TV (conteúdos sobre desenhos e novelas infantis); (c) não-TV (desenhos e músicas não disponíveis fora do YouTube); (d) *unboxing* (vídeos de propaganda de brinquedos ou historinhas contadas a partir de produtos infantis); (e) *youtubers* mirins ou *teens* (conteúdos relacionados a estilo de vida – *life style*) e, por último, (f) materiais educativos. A pesquisa destaca ainda que a maior parte dos acessos era direcionada para categorias relacionadas a questões de consumo, como abertura, revisão (*review*) e crítica de produtos, condição que, segundo Silva (2020), pode gerar “desejos inalcançáveis” em seus espectadores: muitos dos cenários de infância representados nesse tipo de conteúdo são diferentes das condições materiais de expressiva parte das crianças brasileiras em virtude da histórica desigualdade de social brasileira.

Apesar do caráter lúdico atribuído aos conteúdos publicados, a atividade de *influencer/influenciador* mirim tem levantado muitos debates a respeito dos limites da relação

entre o uso de plataformas digitais e a infância, uma vez que a rotina para promover o sucesso dos canais e o lucro financeiro por eles gerado assemelha-se com atividades do universo do adulto e apresenta traços de trabalho formal e regular. Ou seja, a vivência da infância é constrangida por obrigações e preocupações do universo dos adultos (Papini, 2015).

É importante considerar que, uma vez que as crianças se tornam produtoras de conteúdo no meio virtual, é esperado também que elas modifiquem as formas de consumo ligadas a esse espaço (Hoffman, 2021). Como consequência, não é incomum que esses perfis se associem a marcas como meio de promover publicidade infantil a partir do discurso das crianças, tornando-as praticamente um produto do mercado digital. Em 2020, por exemplo, segundo a revista *Veja* (2021), a marca de brinquedos Mattel foi condenada a pagar R\$ 200.000,00 por danos morais coletivos. O Tribunal de Justiça de São Paulo considerou que a empresa fez publicidade indireta ao contratar criança/*influencer* mirim com canal no YouTube para divulgar sua marca de bonecas. Vale ressaltar que, desde 2014, a norma do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente proíbe que a publicidade infantil seja dirigida diretamente a crianças.

Casos como este demonstram como o terreno do mundo digital pode apresentar condições que colocam em risco os direitos das crianças e adolescentes, em especial os direitos ligados à preservação da imagem, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 1990). Apesar da presença infantil tornar-se cada vez mais marcante nas redes sociais, ainda não há regulamentação específica para este tipo de mídia, o que torna mais complicada a identificação de possíveis crimes ligados aos direitos da criança.

Outro ponto importante para ser analisado quando se fala dos *influencers/youtubers* mirins é a forma como esse conteúdo é consumido por seus seguidores/espectadores. Segundo Sampaio, Pereira e Cavalcante (2021), da posição de quem conquistou precocemente a fama, esses pequenos falam a milhões de outras crianças, convidando-as a ingressar num mundo encantado onde reina a felicidade, a fartura e a beleza. Esses movimentos acabam por reduzir a infância à lógica performática das redes, que busca sempre alcançar mais *likes* e visualizações, atrelando a noção de produtividade com o ideal de felicidade, como ocorre originalmente no mundo adulto no contexto da sociedade do cansaço.

De acordo com o filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han (2015), esses comportamentos são frutos de um novo paradigma que vem regendo a sociedade do século XXI, chamado por ele de “sociedade do cansaço”, modelo no qual os indivíduos não são mais movidos pelo dever como sugere Foucault em seu conceito de sociedade disciplinar, mas sim pela necessidade de desempenho. Essa dinâmica, que pode gerar nos indivíduos adultos consequências psicopatológicas, pode ser mais pernicioso quando atinge a infância.

Estudo de Cavalcante (2016), no qual foram entrevistadas 25 crianças profissionais do meio artístico (televisão, cinema, teatro entre outras mídias) e suas famílias, afirma que a intensa exposição à mídia pode gerar consequências psicológicas como baixa autoestima, nível elevado de autocrítica, além de sintomas relacionados a transtornos de ansiedade. Tais resultados podem ser transpostos para o cenário dos influenciadores/*youtubers* mirins, visto que os riscos relacionados à exposição no meio digital não se distanciam tanto daqueles enfrentados pelas crianças do estudo mencionado.

Para Sibila (2008), a necessidade de ser visto e de ser aprovado seriam consequências de um fenômeno global denominado pela autora como “Show do Eu”. Neste modelo, há um deslocamento da atenção e da visibilidade para o “comum”, abrindo a possibilidade para que trivialidades da vida cotidiana tornem-se públicas e sejam aclamadas. Aquilo que era entendido antes como pertencente à esfera do privado agora se desloca para o exterior, de modo que o eu que anteriormente precisava ser protegido e zelado para ser autenticado, agora precisa, acima de tudo, ser visto. Contudo, essa mobilidade, aliada ao império das celebridades que rodeia a cultura da mídia há décadas, tem incentivado a criação de identidades e subjetividades que buscam atender expectativas cinematográficas, de modo que as personalidades que vêm surgindo nas telas não passam de recortes e fragmentos unidos para serem compartilhados e aplaudidos. Nesse sentido, os influencers mirins, bem como seus espectadores, não escapam das consequências produzidas por estes novos padrões, sendo levados a modelar, não apenas seus conteúdos, mas também suas formas de se expressar em função da busca pelo sucesso

Essas alterações certamente influenciam o desenvolvimento das subjetividades. Segundo Sibila (2008), os vetores socioculturais, econômicos e políticos, envolvidos nas novas formas de comunicação da era digital, exercem pressão sobre os sujeitos de diversos tempos e espaços, estimulam a configuração de certas formas de agir e inibem outras modalidades. Desse modo, ao modificar a cultura que rodeia os indivíduos, atualmente, as redes sociais e sua dinâmica exibicionista afetam as estruturas que se encontram entrelaçadas a ela, inclusive a infância e o entender-se como criança.

1.1. Subjetividade e infância no contexto contemporâneo

A subjetividade pode ser situada em três planos: o singular, o universal e o particular. O singular é aquilo que é único, pessoal e intransferível. O universal corresponde aquilo que é compartilhado entre todos os seres humanos, o que é inerente à espécie. Por fim, o particular

diz respeito àquilo que pertence a alguns, mas não a todos, sendo resultado dos contextos históricos e culturais diferentes vivenciados por cada um (Mezan, 2015).

Como a subjetividade vincula-se ao contexto histórico e social, é de se esperar que novas modalidades culturais, como as criadas no universo das redes sociais e das plataformas de *streaming*, imprimam suas marcas nas novas gerações. Estudo de Campos e Souza (2003) afirma que a presença da mídia na vida cotidiana das crianças tem influenciado a experiência subjetiva da infância, uma vez que essa atualmente constrói-se ao redor da cultura do consumo, condição anteriormente restrita ao universo adulto.

Na atualidade, em virtude da difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), as redes sociais e as plataformas de *streaming* levaram à constituição de forma específica de cultura que, ao ser difundida, molda o indivíduo em seus modos de ser e de estar no mundo contemporâneo (Rosa & Santos, 2015). Por viverem em meio ao espetáculo, ao imediatismo e ao consumo, inerentes a esses ambientes digitais, as crianças, nascidas nas últimas décadas, têm apresentado identidades múltiplas, fragmentadas, efêmeras e móveis, bem diferentes das observadas nas gerações anteriores (Melo & Guizzo, 2019). Assim, é importante estudar como esses processos que permeiam as redes sociais e as plataformas de *streaming* refletem-se na construção da infância e no desenvolvimento social das crianças na atualidade.

1.2. A teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner

A infância, mais que uma etapa do desenvolvimento, define-se como estrutura particular da sociedade que se modifica e interage com outros setores sociais. Considerando que as TICs, as redes sociais e as plataformas de *streaming* representam atualmente nova forma de cultura, é pertinente que, para compreender como as crianças se relacionam com essas tecnologias, busquem-se teorias que reflitam a respeito das demais macroestruturas sociais que rodeiam a infância na contemporaneidade (Qvortup, 1993/2011).

Para Urie Bronfenbrenner, o desenvolvimento humano caracteriza-se como processo interativo, entre o sujeito e o meio em que ele se encontra, sendo que os atributos pessoais e subjetivos de cada um funcionam tanto como fatores de influência quanto como produtos dos processos desenvolvimentais vivenciados por ele (Bhering & Sarkis, 2009). Bronfenbrenner propõe o estudo dos processos desenvolvimentais a partir da interação sinérgica de quatro núcleos interrelacionados: processo, pessoa, contexto e tempo (modelo PPCT).

A primeira dimensão estabelecida pelo modelo refere-se às relações do sujeito com o seu contexto que são denominadas como Processos Próximos. Estas interações correspondem ao principal motor do desenvolvimento, uma vez que é por meio delas que o indivíduo aprende a lidar com diferentes situações e recebe *feedbacks* a respeito de seus comportamentos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Para que uma interação entre o contexto e o indivíduo seja considerada um processo proximal é preciso que a pessoa esteja envolvida em uma atividade que ocorra com regularidade, por períodos prolongados de tempo e que seja progressivamente mais complexa. Além disso devem ocorrer interações recíprocas da pessoa que se desenvolve com as pessoas do seu ambiente imediato e também com os objetos e símbolos presentes nesse ambiente, que também devem estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Em relação à dimensão Pessoa, Bronfenbrenner propõe que há três classes de características individuais que podem influenciar o desenvolvimento e que têm o poder de afetá-lo, são elas: os recursos, as demandas e as disposições (Copetti & Krebs, 2004).

Os recursos constituem os componentes biopsicossociais que influenciam a capacidade do organismo para engajar-se efetivamente em processos de interação com o meio. Correspondem a condições que limitam ou dificultam a integridade funcional do indivíduo (como doenças e processos degenerativos) ou a habilidades e experiências positivas (Bhering & Sarkis, 2009).

Os aspectos de demanda, por sua vez, referem-se às características da pessoa que são capazes de instigar ou não reações ambientais imediatas, como gênero, cor e idade, por exemplo, de modo que possam impedir ou favorecer o início de interações por conta das expectativas externas geradas (Copetti & Krebs, 2004).

Por fim, as disposições correspondem às principais propensões positivas ou negativas do indivíduo, que podem facilitar ou dificultar a ocorrência dos processos proximais (Copetti & Krebs, 2004). Características como agressividade, apatia ou insegurança são classificadas como disposições disruptivas, uma vez que podem impedir a ocorrência de processos que requeiram padrões progressivamente mais complexos de reciprocidade. Em contrapartida, curiosidade, iniciativa de engajar-se em atividades e persistência são denominadas disposições geradoras, pois podem facilitar a interação com o ambiente (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A dimensão Contexto, proposta no modelo bioecológico, compreende a interação de quatro níveis ambientais organizados de modo concêntrico e inseridos uns nos outros (Narvaz & Koller, 2004). O microsistema corresponde ao contexto mais interno da vida do indivíduo onde ocorrem os processos proximais e as interações face a face. O mesossistema representa o

conjunto de microsistemas que a pessoa frequenta e suas interações, sendo ampliado toda vez que a pessoa passa a frequentar um novo ambiente. O exossistema envolve os ambientes que o indivíduo não frequenta, mas que impactam indiretamente em seu desenvolvimento, por exemplo, o trabalho dos pais. Por fim, o macrosistema é composto pelo conjunto de ideologias, crenças, religiões, culturas e subculturas que rodeiam o indivíduo em seu cotidiano (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A dimensão Tempo corresponde ao último elemento mencionado no modelo bioecológico. Sua função é analisar as influências das mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo da vida do indivíduo (Narvaz & Koller, 2004). Bronfenbrenner defende que o tempo de interação e a frequência de ocorrência dos processos proximais influenciam diretamente sua efetividade, de modo que em contextos de interações instáveis e imprevisíveis é provável que o curso do desenvolvimento seja alterado. Além disso, é importante considerar as modificações históricas que ocorrem ao redor do indivíduo visto que elas tendem a alterar o curso de vida de grande segmento da população.

A partir da união desses fatores, Bronfenbrenner propõe modelo do desenvolvimento que permite entender como os diferentes contextos onde a criança está inserida a afetam e podem ser afetados por ela mutuamente, colocando-a como agente desse processo (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Embora tenha sido desenvolvido antes da expansão das TICs, das redes sociais e das plataformas de *streaming*, esse referencial teórico demonstra-se factível para estudar os impactos das redes sociais digitais no desenvolvimento, visto que este fenômeno atualmente se mostra um fator contextual presente tanto no microsistema, com o acesso às redes pelos pais ou pela própria criança, como no macrosistema, ao representar um conjunto de valores, crenças e até mesmo uma nova modalidade de cultura que pode vir a deixar marcas nos indivíduos que a vivenciam (Almeida, 2021).

Apesar disso, até agosto de 2023, não foram encontrados nas principais bases de pesquisa nacionais e latino-americanas (Redalyc, SciELO e Portal Periódicos CAPES) estudos sobre o uso da tecnologia nessa faixa etária a partir do paradigma sistêmico proposto por Bronfenbrenner. Apesar disso, com base nas informações apresentadas, é possível notar que esta perspectiva pode ser capaz de suprir lacuna a respeito dos estudos sobre uso de redes sociais e subjetividade na infância, visto que Bronfenbrenner analisa tanto as questões contextuais quanto às características individuais no processo do desenvolvimento social.

À luz do exposto e da pressuposição de que o desenvolvimento humano é um processo eminentemente dialógico, relacional e histórico, torna-se importante compreender como a

vivência em uma sociedade tecnológica, na qual as redes sociais ditam maneiras de ser e agir, relaciona-se com as dimensões subjetivas e potencializa nova percepção de mundo durante a infância.

2. OBJETIVOS

Compreender como conteúdos publicados nas redes sociais e nas plataformas de *streaming* por *influencers* mirins contribuem para a formação da subjetividade na infância.

3. MÉTODO

3.1. Delineamento do estudo

Trata-se de investigação qualitativa de caráter transversal e exploratório. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é uma modalidade que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, tocando em um espaço mais profundo das relações, dos processos e de fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, acompanhadas do uso de técnicas lúdicas, a fim de entender como ocorre o consumo de conteúdo produzido por *influencers/youtubers* mirins por outras crianças e como estas produções afetam sua subjetividade. Trata-se de pesquisa exploratória, ou seja, visa proporcionar informações sobre o assunto investigado, além de possibilitar sua definição e delineamento, formular hipóteses ou iluminar um novo tipo de enfoque para o assunto (Prodanov & Freitas, 2013). Trata-se de estudo de método transversal, visto que se propõe compreender pessoas de faixa etária específica num único ponto no tempo, em vez de observar um mesmo grupo e suas transformações com o passar dos anos (Cozby, 2003).

3.2. Participantes

O recrutamento dos participantes foi realizado por meio da amostragem bola de neve. Segundo Vinuto (2014), o tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística. A bola de neve fundamenta-se em cadeias de referência: não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa. Apesar disso, a abordagem torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados, uma vez que os próprios participantes indicam novos contatos.

O recorte relacionado à idade buscou selecionar participantes que se encontram na faixa etária denominada por Cole e Cole (2004) como segunda infância, que se inicia aos 6 anos e finaliza-se aos 12 anos. Segundo Kail (2003), a partir dos 6 anos, as crianças entram no período denominado por Piaget como “operatório concreto”, nesse estágio, o indivíduo torna-se menos egocêntrico e aprende que os fenômenos e acontecimentos podem ser interpretados de outras maneiras. Entretanto, o pensamento operatório concreto limita-se ao tangível e ao real, de modo que as crianças ficam limitadas ao aqui e agora. Além disso, é nesse momento que as crianças começam a ganhar determinado grau de autonomia, realizando menos atividades que são

completamente supervisionadas pelos pais, como o uso de celulares e aparelhos com conexão à internet, por exemplo.

Desse modo, participaram do estudo quatro crianças com idades entre 8 a 12 anos, juntamente com um de seus responsáveis (pai ou mãe), que também foi entrevistado (3 adultos), totalizando sete participantes ($n = 7$). Além da idade, foi utilizado como critérios de inclusão a presença de acesso regular e estável à internet na casa das crianças a fim de garantir que os participantes tivessem contato suficiente com conteúdos digitais. Adiante, são descritas as principais características de cada participante. Os nomes empregados no estudo, bem como quaisquer informações que possam identificar os participantes, foram trocadas por elementos fictícios (Tabela 1).

Tabela 1

Características sociodemográficas da família dos participantes

Participante	Idade	Sexo	Idade - Mãe	Graduação do responsável entrevistado	Idade - Pai	Renda familiar em salários mínimos	Cidade onde reside
Daniel	8 anos	Masculino	45 anos	Pedagogia (Mãe)	43 anos	9	São Carlos-SP
Samanta	11 anos	Feminino	45 anos	Pedagogia (Mãe)	43 anos	9	São Carlos-SP
Felipe	9 anos	Masculino	48 anos	Serviço Social (Mãe)	47 anos	4	Hortolândia-SP
Camila	9 anos	Feminino	39 anos	Sem graduação (Mãe)	43 anos	3	Limeira-SP

Nota. Valor do salário mínimo em 2023, ano da coleta dos dados, R\$ 1.320,00.

3.3. Instrumentos

Para realização do estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

- (1) *Questionário socioeconômico*: objetivava recolher informações sobre condições socioeconômicas dos participantes (Apêndice 1).
- (2) *Roteiro de entrevista semiestruturada - responsáveis*: questões sobre o padrão de consumo da criança a respeito de conteúdos postados nas redes sociais e nas plataformas de *streaming*, como o tempo de acesso, tipo de conteúdo e plataformas utilizadas (Apêndice 2).
- (3) *Roteiro de entrevista lúdica - crianças*: baseado nos trabalhos de Sposito et al. (2013) e Dalahtese (2017). Dividido em duas partes: (a) temas referentes ao consumo de conteúdo digital em especial ligados às produções de *influencers* mirins; (b) temas referentes ao autoconceito e sua relação com os conteúdos mencionados na sessão anterior (Apêndice 3).

3.4. Procedimento

3.4.1. Coleta de dados

Após demonstração de interesse por parte dos pais, a pesquisadora entrou em contato com os responsáveis para agendar as entrevistas presenciais. A primeira sessão foi realizada com pelo menos um dos responsáveis, com o intuito de explicar novamente o objetivo da pesquisa e mapear as posturas dos cuidadores a respeito do uso da internet por suas crianças (entender qual a frequência de acesso permitido, grau de supervisão, percepções a respeito dos conteúdos que são acessados etc.).

Em seguida, foram realizadas até duas sessões presenciais com a própria criança, nas quais foram incorporadas técnicas lúdicas com a intenção de estabelecimento do *rapport*, como o desenho. Segundo Sposito et al. (2013), desenhar é uma atividade divertida para a maioria das crianças e pode ser utilizada para facilitar a comunicação entre elas e os pesquisadores, bem como para fomentar a confiança e a motivação dos participantes. As entrevistas buscaram trabalhar a relação da criança com o YouTube, o consumo de conteúdo e as visões dos participantes a respeito dos *youtubers*, além de questões ligadas ao autoconceito das crianças e como estas se relacionam com os conteúdos consumidos. Por fim, foi realizada sessão devolutiva com os responsáveis com intuito de sintetizar aspectos do consumo de conteúdos digitais pelas crianças ao longo das entrevistas.

As sessões foram realizadas na casa dos responsáveis ou em sala reservada, com condição de privacidade e conforto, do Serviço Escola em Psicologia (SEPsi) do Departamento de Psicologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São

Carlos (UFSCar). Foi facultado aos responsáveis a escolha do local para realização das sessões de entrevista e sessões lúdicas. Além disso, as sessões foram agendadas conforme disponibilidade dos pais e da criança. As sessões, com a aprovação dos responsáveis, foram gravadas em áudio com a finalidade de facilitar a transcrição e análise de dados. Após a realização das entrevistas, a pesquisadora também consultou os principais canais do YouTube mencionados pelos participantes ao longo da pesquisa. Essa atividade teve a intenção de contextualizar o material apresentado pelas crianças ao longo da coleta de dados.

3.4.2. *Análise dos dados*

As entrevistas foram transcritas na íntegra em forma de texto para facilitar seu armazenamento e análise. As transcrições foram analisadas à luz da metodologia de análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), que propõe a organização dos dados obtidos por meio de categorias temáticas. Tais categorias foram analisadas a partir da Teoria Bioecológica, proposta por Urie Bronfenbrenner, buscando compreender como os ambientes digitais, ao se configurarem como elementos contextuais do desenvolvimento, interferem na subjetividade da criança durante a segunda infância.

3.5. Cuidados éticos

O protocolo de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de São Carlos (CAAE No. 69404523.6.0000.5504) (Anexo 1). A coleta e a análise dos dados seguiram os procedimentos éticos de respeito aos participantes segundo a Resolução No. 510/2016 - Normas Aplicáveis a Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A participação na pesquisa foi livre e voluntária, sem apresentação de retornos diretos ao participante ou aos seus responsáveis. Antes do início da coleta dos dados, foi realizado esclarecimento ético da pesquisa. Finalizado o processo de esclarecimento ético, o responsável foi convidado a formalizar sua anuência/concordância com os termos do estudo via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 4), enquanto a criança formalizou sua anuência mediante a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice 5). Os nomes empregados no estudo, bem como quaisquer informações que possam identificar os participantes, foram trocados por elementos fictícios.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização das crianças participantes

4.1.1. Daniel

Daniel é um menino de 8 anos que reside na cidade de São Carlos-SP. No momento da entrevista, cursava o 3º ano do Ensino Fundamental 1 em colégio particular da cidade. De acordo com sua mãe (responsável entrevistada), suas principais atividades diárias giram em torno das responsabilidades escolares, auxílio nas tarefas domésticas, práticas esportivas e atividades de lazer, momento no qual normalmente tem acesso às redes sociais. Daniel tem uma irmã mais velha, Samantha, que também participou da pesquisa. Sua família é composta pela mãe (45), pai (43) e irmã.

4.1.2. Samantha

Samantha é uma menina de 11 anos, irmã de Daniel, reside na cidade de São Carlos-SP. No momento da entrevista, cursava o 5º ano do Ensino Fundamental 1 em colégio particular da região. Sua rotina é dividida entre atividades escolares, atividades de auxílio doméstico e atividades de lazer que incluem práticas artísticas e momentos de acesso às redes sociais. Sua família é composta pela mãe (45), pai (43) e o irmão.

4.1.3. Felipe

Felipe é um menino de 9 anos que mora na cidade de Hortolândia-SP com sua família. No momento da entrevista, cursava o 3º ano do Ensino Fundamental 1 em colégio particular de sua cidade. De acordo com sua mãe (48), Felipe é uma criança ativa, tem as atividades escolares e a prática esportiva como principais atividades, além do acesso à internet nos momentos de lazer. Felipe é a única criança da sua família, onde convive com o pai (47), a mãe e um irmão de 19 anos.

4.1.4. Camila

Camila é uma menina de 9 anos que mora na cidade de Limeira-SP. No momento da entrevista, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental 1 em colégio público de sua cidade. Sua família é composta pela mãe (39), pai (43), um irmão de 13 anos e uma irmã de 16 anos. Além disso, ela convive bastante com a avó, com quem passa grande parte do tempo, quando não está

na escola. Dessa forma, suas principais atividades correspondem às atividades escolares e momentos de lazer na internet, onde ela joga com suas amigas e acessa as redes sociais.

De modo geral, tanto os responsáveis como as crianças se mostraram abertas para responder todas as questões das entrevistas. Para as mães (responsáveis entrevistadas em todos os casos), as sessões foram importantes para refletir a respeito dos métodos adotados por elas para supervisão do uso da internet por parte de seus filhos, bem como para desabafar e discutir os possíveis medos e perigos do uso das redes. Já as crianças se mostraram animadas em ter um adulto interessado em conversar a respeito de seus interesses e atividades no meio digital.

As transcrições das entrevistas foram analisadas à luz da metodologia de análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), que propõe a organização dos dados obtidos por meio de categorias temáticas. Tais categorias foram analisadas a partir da Teoria Bioecológica, proposta por Urie Bronfenbrenner, buscando compreender como os ambientes digitais, ao se configurarem como elementos contextuais do desenvolvimento, interferem na subjetividade da criança durante a segunda infância.

A partir disso, os conteúdos das entrevistas com as crianças e seus responsáveis foram analisados e estruturados nas seguintes categorias temáticas: (a) Características do uso das redes, (b) Principais conteúdos acessados, (c) Comparação e reprodução de comportamentos e (d) Motivações para postar.

4.2. Caracterização do uso das redes

De acordo com os dados analisados, todos os participantes têm acesso às redes sociais como elemento bastante presente em sua rotina desde muito cedo. Segundo os responsáveis entrevistados, todas as crianças começaram a utilizar as plataformas em média quando tinham 6 anos, através do comando de voz disponível nos aplicativos, que facilitava a busca por conteúdos sem a necessidade de saber ler e escrever, dando autonomia para os pequenos usuários. “Ai, acho que começou com 6 anos, quando ele descobriu que tem o microfone, né? Que tinha um microfoninho que ele não precisava digitar. Porque como ele não sabia digitar, então ele procurava falando o conteúdo”. (Mãe de Daniel e Samanta)

Os participantes também relataram usar a internet como uma de suas principais formas de lazer diário, sendo a primeira opção quando não encontram outras alternativas de atividades disponíveis. Em estudo, Jorge (2019) nomeia essa experiência de crescer rodeado pelas redes como infância digital. Para a autora, ter uma infância digital significa crescer em meio a mídias

digitais, tendo pleno acesso a essas mídias, inclusive o acesso privado, em seus quartos e em seus lares, como ocorre com as crianças entrevistadas neste estudo. Assim, crianças que têm a infância digital tendem a incorporar cada vez mais as tecnologias na sua rotina e ser influenciada por elas.

O tempo de acesso mostrou-se diretamente ligado ao método de controle realizado pelos responsáveis que, por sua vez, se apresentou como fator bem variável ao longo do estudo, visto que cada uma das famílias apresentou um estilo de vida e rotina diferente.

Daniel e Samantha foram as duas crianças que apresentaram a rotina de acesso mais regrada e supervisionada. Segundo sua mãe, as crianças têm acesso limitado e controlado pelo aplicativo *Google Family*, que produz relatório para os pais a respeito das plataformas acessadas e do tempo de uso, além de filtrar conteúdos considerados inapropriados para crianças.

A rotina dele de acesso geralmente é no final da tarde, quando ele chega da escola. Ou nos períodos assim: “acabei de fazer as tarefas escolares e as tarefas em casa”. Aí eu permito assistir, tipo uns 30 minutos no máximo, os canais que ele gosta (...) eu coloquei aquele aplicativo que você monitora, sabe? (...) É um que você monitora, o que assiste, o que não pode assistir, o que pode baixar, o que não pode... Não lembro o que é. Acho que é *Google Family*. (Mãe de Daniel e Samanta)

Além disso, a mãe relatou que as crianças não possuem contas próprias nas redes sociais e nem dispositivos próprios, o que facilita para ela manter o controle a respeito dos canais e perfis acessados e do tempo de uso.

Ela entra com a minha conta. Geralmente ela não entra nesse dispositivo, na televisão. Ao contrário do irmão que entra na televisão, ela entra no computador. Então ela tem mais acesso ao computador ou ao tablet. Então dentro do tablet ela acessa as minhas contas. (Mãe de Daniel e Samanta)

No caso de Felipe, a mãe relatou que realiza o controle de forma mais orgânica, acompanhando os conteúdos assistidos pelo filho enquanto trabalha. Segundo ela, esta é uma possibilidade no seu dia a dia devido ao fato de que sua jornada de trabalho é feita no formato *home office*, o que permite que ela esteja presente em casa nos momentos em que Felipe tem acesso à internet. Apesar disso, foi comentado por ela que alguns conteúdos inapropriados ainda

passam batidos devido à dificuldade de dividir a atenção entre a supervisão e as atividades do trabalho.

E eu gosto de trabalhar muito ali na minha sala, na minha copa, de frente para a televisão, porque eu estou vendo o que ele está assistindo. Porque a gente sabe que a televisão, não só o YouTube, tudo hoje você tem que tomar cuidado para policiar a criança. E se está aberto, ele vai ver tudo mesmo. Então eu, como mãe, que tô mais presente em casa, fico presenciando o que ele tá assistindo, monitorando-o ali. Mas tem muita coisa que eu fico no pé dele que não é da idade dele. (Mãe de Felipe)

Além disso, assim como Daniel e Samantha, Felipe não possui dispositivos próprios de acesso, de modo que seu único meio de acesso às redes é pela televisão ou pelo celular dos pais. Apesar disso, diferente do primeiro caso, Felipe possui uma conta própria no TikTok nas quais ele posta seus próprios vídeos mesmo sem a autorização prévia de seus responsáveis. “Ele tinha pedido para criar uma conta (no TikTok), eu não dei muita atenção... Ele acabou se virando” conforme conta sua mãe.

As dificuldades de monitoramento encontradas pela mãe de Felipe mostraram-se ainda maiores no caso de Camila. Por passar um longo período do dia sozinha e sem a companhia de seus responsáveis, a menina acaba tendo maior liberdade para acessar conteúdos nas redes, bem como para produzir seus próprios vídeos e publicá-los sem supervisão recorrente dos pais. De acordo com sua mãe, este hábito é consequência da rotina corrida de trabalho de ambos os pais, que dificulta a verificação dos acessos e controle do tempo com maior frequência. Além disso, Camila tem dispositivos próprios nos quais joga online e acessa suas redes.

Nos dias de hoje não tem como, né? Ela fica trancada na casa da minha mãe, chega aqui, fica trancada... e eu trabalho até tarde. Então assim, não tem muito como eu fugir disso pra tirar, distrair ela com outra coisa. O tempo da gente, nesse momento da minha vida, tá muito corrido. Então, assim, a gente policia bastante, porém, eu sinto que falta pra ela fazer um esporte, ficar num ar livre, tomar um solzinho... Porque às vezes passa o dia sem ver o sol, né? Dentro da escola é outro ambiente e tudo mais... Mas quando está com a gente, se não está almoçando, jantando, ou no momento que está fazendo alguma coisa em família, está no celular (...). (Mãe de Camila)

As crianças também mencionaram o hábito de utilizar o ambiente virtual para interagir com seus amigos. Esse contato ocorre ou por meio de ferramentas como a aba de comentários nas postagens dentro das plataformas ou por aplicativos de *chats* individuais, como no caso da rede WhatsApp. Trata-se do que o participante, Felipe (9 anos), comenta: “os meus amigos da escola curtem e comentam os meus vídeos”.

Segundo Vermelho et al. (2014), as novas tecnologias permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a comunicação mais flexível, já que com apenas um clique, qualquer pessoa pode manter contato com pessoas que estão distantes. Essa versatilidade acaba por ser um grande atrativo para crianças como Camila, que passam muito tempo sozinhas ou na companhia de outros adultos, uma vez que permite que elas se mantenham conectadas com seus pares.

Ela tem esse costume de jogar online também com outras crianças. Mas aí elas (Camila e as amigas) se chamam pelo WhatsApp, fazem uma chamada e ficam no áudio enquanto entram no jogo. Uma manda o código para outra e todo mundo fica jogando junto ali naquela sala. (Mãe de Camila)

A conectividade constante aproxima o mundo digital da definição de microssistema, segundo o modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner, uma vez que constitui ambiente no qual os indivíduos são capazes de estabelecer processos proximais ao interagirem direta e constantemente com outros seres humanos. De acordo com o autor, para que ocorram os processos proximais, propulsores do desenvolvimento humano, o indivíduo deve engajar-se em uma interação com o meio ou com outros indivíduos com regularidade, por períodos prolongados de tempo, que seja progressivamente mais complexa (Bronfenbrenner, 1998). Desta forma, as interações dos participantes com seus pares dentro das redes podem ser classificadas como produtoras destes processos e conseqüentemente o ambiente digital como elemento da categoria microssistema.

Além do contato no mundo virtual, o uso das redes pareceu promover interações fora do ambiente digital. Segundo os participantes, este espaço permeia constantemente suas experiências de troca com outras crianças, já que os conteúdos publicados nas redes aparecem como tópicos de discussão em conversas do seu cotidiano. “A gente conversa sobre os vídeos. A gente fala qual os vídeos eles assistem. Quase todos os meus colegas falam dos mesmos vídeos que eu (...)” (Daniel, 9 anos).

De acordo com Rosa e Santos (2015), na contemporaneidade há uma continuidade entre o que ocorre nas redes e fora delas, uma vez que um ambiente se reporta ao outro. Desse modo, a manutenção dos vínculos com os pares pode ser facilitada quando as crianças apresentam afinidades a respeito dos conteúdos que fazem sucesso dentro do seu grupo de amigos.

4.3. Principais conteúdos

Em relação aos principais conteúdos acessados, as crianças apresentaram diferentes respostas durante a entrevista. A rede social mais utilizada pelos participantes foi o YouTube, seguida pelo TikTok e, por fim, pelo Instagram. Apesar de apresentarem formatos distintos, é interessante destacar que todos esses aplicativos apresentam a função de “vídeos curtos”, com tempo máximo que varia de 60 segundos a 10 minutos a depender da rede. Esta função foi bastante mencionada como alvo de interesse dos participantes, tanto para consumo como para produção de conteúdo. Além disso, por ser ferramenta dinâmica, esse tipo de vídeo mostrou-se para todos os participantes como porta de entrada para conhecer novos canais e perfis ligados a seus interesses, já que introduz de forma rápida e prática o conteúdo do influenciador. Assim, a maioria dos participantes relatou que conheceu seus youtubers e influenciadores favoritos pelos vídeos curtos, buscando posteriormente outras produções e postagens mais longas.

Eu descobri ele (Youtuber) no *shorts* (plataforma de vídeos curtos do YouTube), porque no Youtube eu só assistia *shorts* de 30 a 60 segundos. Aí eu fiquei curiosa quando apareceu nos *shorts* o Enaldinho e ele falava pra mim ir ver os vídeos dele. Então eu fui. (Camila, 9 anos)

Além dos vídeos curtos, os participantes também relataram que encontram seus canais preferidos pelo comando de voz, buscando palavras chaves sobre o que desejam assistir ou até mesmo pelas sugestões das próprias redes, muitas vezes mapeadas pelo algoritmo destes sites. “Você joga essas palavras mais soltas assim. Você coloca lá, ‘desenho com guache’, e aí aparecem alguns. Então você escolhe o vídeo e você assiste (Samanta, 12 anos). Camila descreve também sua experiência: “Eu estava assistindo um vídeo. Ai eu só fui pra baixo quando acabou e tinha esse outro vídeo, fiquei curiosa e cliquei, aí eu assisti. (Camila, 9 anos).

As crianças relataram em sua grande maioria que os conteúdos que consomem nas redes sociais, no geral, se relacionam com assuntos de interesse pessoal, como *hobbies* ou

brincadeiras vivenciadas no mundo fora das telas. Além disso, em alguns casos, os conteúdos consumidos na internet se relacionam com outras formas de mídia, como a televisão ou o cinema, visto que, atualmente, as produções midiáticas estão constantemente interligadas. Um bom exemplo deste fato pode ser percebido na fala da mãe de Daniel a respeito de como ele passou a consumir conteúdos sobre futebol nas redes sociais após vivenciar a Copa do Mundo de 2022.

Depois da Copa do Mundo ele mudou totalmente. Ele tá muito fascinado por futebol. É que teve toda essa coisa de comprar álbum, ele usa YouTube para saber sobre os jogadores. Então, ele sabe sobre os jogadores de todos os times, todos os países, quem foi comprado, quem foi vendido, o nome, em qual seleção joga... então ele passou a usar canais especificamente de futebol. (Mãe de Daniel e Samanta)

Na Tabela 2 constam os principais canais e assuntos mencionados por cada participante

Tabela 2

Conteúdos, canais do YouTube e redes sociais de interesse dos participantes

Participante	Conteúdos de interesse	Canais preferidos	Rede social favorita
Daniel (9 anos)	Futebol, games	Goleiro de Capacete, Riquinho	YouTube
Samanta (12 anos)	Costura, pintura, artesanatos, línguas, música	Não citou nenhum canal em específico	Instagram
Felipe (9 anos)	Futebol, games, pegadinhas	Enaldinho, Lucas Neto	TikTok e YouTube
Camila (9 anos)	Pegadinhas, games	Enaldinho, PewDiePie, Resende, Rafa e Luiz	YouTube

Quando perguntado aos participantes por quais outros motivos eles se interessavam por esses canais e perfis em específico, a principal resposta obtida fazia referência à atividade de

aprender. De acordo com as crianças, ao consumirem os conteúdos publicados pelos influencers, elas aprendem informações de seu interesse e habilidades ligadas ao universo infantil que provavelmente não teriam acesso em outros ambientes.

Seguem as falas: “Eu gosto de assistir o Goleiro de capacete, que eu sigo também. E eu gosto muito de ficar de goleiro. E eu... E eu sou bom, porque eu aprendo com ele” (Daniel, 9 anos); “Eles (youtubers) jogam o meu jogo favorito do Roblox e me mostram várias curiosidades sobre o jogo. E aí eu faço essas curiosidades” (Camila, 9 anos); “No YouTube eu aprendi um pouco de coreano e como escrever. E eu também aprendi um pouco francês” (Samanta, 12 anos); “Eu pesquiso e vejo no TikTok quais são as dancinhas, como é que faz... pra fazer no FIFA 2024. Aí eu vou ver qual é o nome, como que vai ser, vou tentar as dancinhas e treino como fazer” (Felipe, 9 anos).

Esse caráter de referência no aprendizado das redes possui tanto nuances positivas como negativas. Por um lado, é possível perceber que através da internet as crianças ampliam seu repertório cultural, uma vez que entram em contato com diferentes culturas e contextos inéditos. De acordo com Guedes, Vieira e Calazans (2017), na contemporaneidade, novas referências somaram-se às dos pais e responsáveis, antes, os principais protagonistas no processo de transmissão de conhecimento. Segundo os autores, esse fato pode ter acontecido porque as crianças contemporâneas passaram por um processo de terceirização do cuidado: na medida em que a família passou a dedicar-se mais ao trabalho, as crianças se aproximaram de outros ambientes, como o virtual.

Entretanto, ao mesmo tempo que têm acesso a variadas informações no vasto ambiente online, as crianças da era digital não têm com quem singularizar essas experiências, visto que os pais, que antes executavam o importante papel de mediadores do saber, encontram dificuldades para frear esse mar de informações (Jerusalinsky, 2018). Essa dinâmica fica perceptível na fala da Mãe de Camila que diz não conseguir acompanhar o ritmo da filha:

Ela faz tudo sozinha, depois que está pronto ela vem me mostrar. Esse YouTube eu não sei nem como que ela pôs, porque ela tem que ter 18 anos, né? Não sei nem como que ela inventou a idade dela lá...E já mandou eu seguir ela, já pegou meu celular, já entrou, já deu like, Eu nem sabia como que era e ela já fez tudo. (Mãe de Camila)

4.4. Comparação e reprodução de comportamentos

Ao tomarem como referência de informações os influencers, as crianças introjetam para si também seus modos de ser, buscando se assemelhar a estas figuras públicas (Guedes, Vieira e Calazans, 2017). Esta aproximação percebida e pontuada pelos responsáveis entrevistados.

Tem algumas brincadeiras que eu acho meio pesadas. E às vezes você tem preocupação da criança querer repetir. Por mais que às vezes o cara (youtuber) fale que não pode fazer isso, mas eles pensam: “Tá fazendo por que eu não posso fazer, né?” (...). Aí o que tava acontecendo no YouTube é que alguém famoso tava fazendo e aí ele (Felipe) queria fazer. Às vezes uma dancinha, alguma coisa diferente... às vezes, no próprio TikTok, tinham outros caras fazendo... aí tinha um desafio e ele fazia. Então você tinha que tomar cuidado. (Mãe de Felipe)

Por exemplo, quando ela (Samanta) assistia às séries coreanas, ela baixou um aplicativo para aprender coreano. Então, é isso. Depende do que ela tá assistindo, ela tá... ela quer fazer aquela coisa, fazer aquele negócio no momento. (Mãe de Samanta e Daniel)

Ele (Daniel) reproduz muito. Tanto que eu tenho que cortar porque é muito palavrão, coisa que a gente não fala em casa. E essas músicas também. E reproduz isso do mundo do futebol, reproduz contando para nós, até gírias, palavras que a gente não usa. (Mãe de Samanta e Daniel)

Segundo Antunes e Tomaz (2017) esse desejo de reproduzir comportamentos deriva do fato de que a criança é completamente capaz de perceber atitudes e práticas que são valorizadas pela sociedade. Ao perceber que aquelas figuras de influenciadores são admiradas e aplaudidas, os pequenos buscam de alguma forma se tornar igual a elas.

Para Sibilía (2008), essa movimentação é fruto de um novo modelo sociocultural que tem como pilar a visibilidade, incentivando os indivíduos a se mostrarem nas redes, estimulando a configuração de certas formas de ser e inibindo outras modalidades. Desse modo, embora o influenciador muitas vezes acredite que está apenas sendo espontâneo, ele não se encontra livre das influências deste ambiente digital, que o incentiva a desenvolver

características específicas para que seu produto seja aprovado pelos seus seguidores. Assim, quando as crianças reproduzem trejeitos e falas de seus youtubers favoritos, incorporando-os no seu modo de agir, elas estão absorvendo para si traços que muitas vezes são moldados para serem vistos, exibidos e observados, buscando provocar desejos nos telespectadores.

Não é inesperado então que, além de reproduzirem comportamentos pontuais, as crianças também tenham suas expectativas a respeito de suas vidas moldadas a partir dos perfis que acompanham, tanto em suas atividades do dia a dia como em seus padrões de consumo. Esse fenômeno foi perceptível em alguns comentários realizados pela mãe de Samanta e Daniel. “Ele gosta mais do conteúdo relacionado à vida desses jogadores de futebol, entendeu? Dessas celebridades. Então, até quando ele faz uma jogada, por exemplo, “Ah, eu fiz igual ao Cristiano Ronaldo, eu fiz igual ao Messi” (Mãe de Daniel e Samanta).

Tinha um canal de uma criança que... eu conversei bastante com ela (Samanta), porque toda semana a criança ganhava uma boneca nova. Acho que ela devia ganhar para isso, para mostrar as bonecas... Então era uma coisa de louco, assim. E as *lols*, era a febre da *lol* na época, e cada semana praticamente era uma boneca nova... E ela (Samanta) queria também (...). Era essa comparação de não ter, né? Porque eu não falei pra ela que não ia comprar. Porque eu achava mesmo (...). Por exemplo, com o Daniel teve a fase do *Hot Wheels*, do carrinho. Era a mesma coisa. Ele acessava muito conteúdo sobre carrinhos e queria ter aquelas rampas que custam R\$ 600,00, R\$ 700,00, enquanto ela queria ter as *Lols*, que eram um absurdo de caras. (Mãe de Daniel e Samanta)

Eu vejo muito minha sobrinha acessando muito conteúdo de, por exemplo, acessando, seguindo, essas celebridades, essas meninas que vão... ganhando notoriedade com a fama na internet. Eu não sei nomes porque eu também não acesso, mas eu vejo ela fazendo. Então, elas (seguidoras) querem ter esse tipo de vida, mas é uma vida que também é ilusória, é uma vida que é cortada, né? São flashes, são só pequenos momentos, que elas querem mostrar, elas não mostram o real toda a vida delas. (Mãe de Daniel e Samanta)

O relato da mãe dos participantes confirma o exposto por Sampaio, Pereira e Cavalcante (2021), que apresentam os influenciadores mirins como ferramenta dentro de um mercado digital. Da posição de quem conquistou precocemente a fama, essas pequenas personalidades

falam a milhões de outras crianças, reverberando nelas a onipresença do desejo de compra e orientando-se por um modelo de vida baseado no consumismo como representação do sucesso, típico do mundo adulto até então. Dessa forma, aos espectadores, resta apenas o ato de desejar e de frustrar-se por ser incapaz de atingir os padrões de vida projetados nas redes.

4.5. Motivações para postar

Quando questionados se já tinham sentido o desejo de postar seus próprios vídeos, três das quatro crianças que participaram do estudo relataram ter interesse na atividade. A respeito de suas motivações para fazer as postagens, os seguintes trechos destacam-se.

Antes, quando eu era pequena, era pra ganhar dinheiro, porque é o jeito mais fácil. Mas hoje eu gosto porque é uma coisa que eu gosto de fazer, que não me deixa agitada. Que vai mostrar, vamos dizer assim, pras pessoas o meu talento. (Samanta, 12 anos)

Eu postava, tipo, fotos. Não de mim. Eu postava vídeos, eu colocava as músicas e gravava. Fazia dança com meus amigos (...). Fazia porque era legal. Ganhar seguidor era legal. (Felipe, 9 anos)

Eu comecei a fazer porque quando eu vi eles fazendo (youtubers), eu pensei que eu podia também. Eu cliquei e fui fazer, mas eu não dava nenhum like, aí eu parei. (Camila, 9 anos)

É possível notar nas falas que, apesar de aparentar ter um caráter lúdico, a atividade de produzir vídeos tem, acima de tudo, a intenção de atrair para si o olhar do outro. De acordo com Guedes, Vieira e Calazans (2017), expor-se ao olhar alheio é necessário para existir nos dias de hoje, sendo que esse prazer de ser visto é entendido como característico do regime de visibilidade que permeia a contemporaneidade. Dessa forma, as crianças encontram no YouTube terreno fértil para criar vínculos e se afirmar socialmente como sujeitos (Dalethese, 2017).

As falas de Camila e Felipe valorizam o ato de conseguir *likes* e seguidores dentro das redes denotam ainda que, além do desejo de ser visto, há também a busca pela aprovação ao realizar as publicações. Esta percepção concretiza-se quando Camila relata que, ao não atingir suas expectativas a respeito do número de *likes* em seus vídeos, ela optou por excluí-los, mesmo

gostando deles. Esses comportamentos reforçam a percepção proposta por Silva (2020), que descreve a internet como uma praça pública, no qual, atualmente, há uma busca eterna pelo reconhecimento.

Rosa e Santos (2015) descrevem que, ao selecionar o que será exposto ou omitido sobre si mesmos, os usuários realizam um processo que tem sido denominado estetização do *self* ou negociação de identidades. Esse processo se caracteriza pela exposição de gostos e de preferências culturais que refletem traços e características das identidades dos participantes que são mais condizentes com os padrões desejados pelo mercado. Assim, quando escolhem seus conteúdos com base no que vai atrair maior audiência, as crianças explicitam as marcas deixadas em seus modos de ser pela cultura da visibilidade.

A ânsia pela aprovação alheia também foi percebida em algumas falas de Samanta. Segundo a menina, embora mantenha há tempo o desejo de produzir conteúdo mostrando suas produções artísticas, ela ainda se sente intimidada pelo ambiente online: “sempre quando eu tento, eu não consigo. A minha mãe já deixou, mas eu tenho muita vergonha de fazer, acho que ninguém vai gostar” (Samanta, 12 anos).

Por fim, embora não caiba a este estudo discutir a relação dos participantes com as redes por um viés de gênero, destaca-se a forma como Samanta e Camila se relacionam com a opinião externa no mundo online. Enquanto as garotas relatam sentir medo de serem criticadas ou desconsideradas pelos internautas, Daniel e Felipe demonstraram lidar de maneira bem mais despreziosa com as impressões negativas a seu respeito: “se alguém falar que eu sou chato nos meus vídeos eu bloqueio o comentário” (Felipe, 9 anos).

De acordo com Jorge (2019), os principais vídeos destinados para meninas nas redes sociais, em geral, abordam conteúdos que incentivam o consumo e a autoprodução exagerada, sendo produções que muitas vezes são patrocinadas por marcas na intenção de converter espectadores em consumidores. Esse fato, associado às grandes pressões estéticas e sociais que rondam o universo feminino na sociedade, acaba por tornar as meninas ainda mais vulneráveis às consequências do modelo sociocultural descrito por Sibila (2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou descrever como conteúdos publicados nas redes sociais por *influencers* mirins contribuem para a formação da subjetividade na infância. As entrevistas com as crianças e seus responsáveis trouxeram falas que exemplificam os pressupostos estabelecidos pela literatura a respeito das repercussões deste tipo de conteúdo em seus telespectadores, corroborando com os estudos da área.

Os resultados demonstraram que, de modo geral, as crianças usam as redes buscando, acima de tudo, conectar-se dentro ou fora do ambiente digital. Esse comportamento faz parte do modo de ser contemporâneo, visto que é no intercâmbio com indivíduos e grupos que a vida ganha sentido. Assim, ao permitirem que os pequenos estabeleçam contatos e trocas com seus pares, as redes sociais demonstraram características que permitem incluí-las como espaço componente do microsistema no modelo bioecológico do desenvolvimento, explicitando sua importância na formação da dimensão subjetiva do sujeito.

A análise dos dados apresentou que as redes sociais, na atualidade, organizam-se como contexto único, gerador de cultura singular que perpassa seus usuários por meio de padrões e modos de ser específicos, como a lógica da visibilidade. Dessa forma, ao marcarem sua presença nas redes sociais, as crianças acabam sendo atravessadas por estes vetores, tornando-se vulneráveis aos aspectos positivos e negativos deste novo padrão de estar no mundo.

Apesar de corroborar com os dados apresentados na literatura o presente estudo apresenta limitações como o baixo número de participantes, que impede a generalização dos resultados. Além disso, a ausência de outros estudos relacionando o ambiente digital com a teoria bioecológica do desenvolvimento no contexto brasileiro ainda se mostra um limitador para a compreensão dos fenômenos analisados.

Por fim, no que tange possíveis desdobramentos para pesquisas futuras, destaca-se a importância de investigar como a cultura das redes sociais repercute desigualdades e discriminações presentes historicamente no Brasil tais como o machismo, o racismo, dentre outras formas de preconceito, e as consequências destas experiências na subjetividade das crianças.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. (2021). *O uso de mídias digitais na primeira infância: Tecnointerferência, variáveis associadas ao uso e proposta de intervenção* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Antunes, A, & Tomaz, R (2017). A sociabilidade automatizada das crianças brasileiras nas redes sociais. *Desidades, 17*, 35-46.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1966). *A construção social da realidade* (29a ed.). Vozes.
- Bhering. E., & Sarkis, A. (2009). Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: Implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. *Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, 2*(2), 7-20.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77-101.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental process. In R. M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology* (pp. 993-1027). John Wiley & Sons.
- Campos, C., & Souza, S. (2003). Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. *Psicologia: Ciência e Profissão, 23*(1), 12-21.
- Cavalcante, S. (2016). Descobertas e desafios envolvendo o trabalho infantil artístico: Entre o sonho e a realidade. In A. Coutinho & L. Wandello (Orgs.), *Encontro rede nacional de pesquisas e estudos em direito do trabalho e da seguridade social* (pp 767-787). Rede Nacional de Pesquisas e Estudos em Direito do Trabalho e da Seguridade Social.
- Comitê Gestor de Internet (CGI), (2021). *TIC Kids Online Brasil - 2021*. CETIC.br. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/>
- Comitê Gestor de Internet (CGI) (2021). *TIC Domicílios - 2021*. CETIC.br. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121125504/tic_domicilios_2021_livro_eletronico.pdf

- Copetti, F., & Krebs, R. (2004). As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 67-89). Casa do Psicólogo.
- Cozby, P. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento* (1a ed.). Atlas.
- Chul-Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Cole, M., & Cole, R. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Dalahtese, T. R. (2017). *Faz de conta que todos nós somos youtubers: Crianças e narrativas contemporâneas* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- Ferraz, D. (2021). *Influenciadores mirins estão em alta: Especialistas alertam para perigos*. VEJA. <https://veja.abril.com.br/tecnologia/influenciadores-mirins-estao-em-alta-especialistas-alertam-para-perigos/>
- Guedes, W., Vieira, P., & Calazans, F. (2017). *Olá, pessoal, bem-vindos ao meu canal: Youtubers Mirins e a subjetivação da criança na contemporaneidade*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba.
- Hoffman, A (2021). Infância, cultura visual e consumo: Reflexões de pesquisa. *Caderno CEDES*, 41(113), 56-64.
- Jorge, G. (2019). Geração digital: O que os youtubers mirins do Brasil têm a dizer sobre raça, gênero e classes sociais. In S. Trindade & D. Mil (Orgs.), *Educação e humanidades digitais* (pp. 168-182). Universidade de Coimbra.
- Kail, R. (2003). *A criança*. Pearson.
- Lei nº 8.609, de 13 de junho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Presidência da República.
- Melo, D., & Guizzo, B. (2019). Infância youtuber: Problematizando representações de crianças inseridas na cultura de sucesso. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, 24(50), 121-140.

- Mezan, R. (2015). *Interfaces da psicanálise*. Companhia das Letras.
- Minayo, M. (2001). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Narvaz, M., & Koller, S. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 52-66). Casa do Psicólogo.
- Othon, R. (2020). *Infância, consumo e mídia: Um mapa das múltiplas mediações de crianças visibilizadas nas redes sociais online* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Prodanov, C., & Freitas E. (2013). Pesquisa científica. In C. Prodanov & E. Freitas, *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2a ed., pp. 41-118). Feevale
- Rosa, G., & Santos, R. (2015). Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: Uma revisão crítica da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(4), 913-927.
- Rosa, G., Ferreira, J., Mauch, A., Albuquerque, F., Campelo, G., & Macedo, M. (2021). Percepção de jovens brasileiros sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37(49), 1-10.
- Sampaio, I., Pereira, G., & Cavalcante, A. (2021). Crianças youtubers e o exercício do direito à comunicação. *Cadernos CEDES*, 41(113), 14-22.
- Setton, M. da G. J. (2002). Família, escola e mídia: Um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, 28(1), 107-116.
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Nova Fronteira.
- Silva, I. (2020). *O fenômeno do sharenting e a superexposição infantil: Entre a autoridade parental e o melhor interesse da criança nas redes sociais* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Pernambuco.

APÊNDICES

APÊNDICE 1
QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO
(PREENCHIDO APENAS POR UM DOS RESPONSÁVEIS PELA CRIANÇA)

a) Dados pessoais

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo: () Masculino () Feminino () Outro
4. Raça/Etnia (Classificação de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE):
() Preta
() Parda
() Amarela
() Indígena
() Branca
5. Telefone fixo:
6. Telefone Celular:
7. E-mail pessoal:
8. Naturalidade:
9. Procedência (cidade onde reside atualmente):
10. Religiosidade:
11. Escolaridade:
12. Exerce alguma atividade remunerada? () Sim () Não
- Caso sim, qual o valor da remuneração (Parâmetro - valor do salário mínimo em 2023 - R\$ 1.320,00¹)?

() Menor que R\$ 1.320,00
() Entre R\$ 1.320,00 e R\$ 2.640,00
() Entre R\$ 2.640,00 e R\$ 3.960,00
() Entre R\$ 3.960,00 e R\$ 5.280,00
() Entre R\$ 5.280,00 e R\$ 6.600,00

¹Conforme Medida Provisória No. 1.172/2023, de 1º de maio de 2023.

- Entre R\$ 6.600,00 e R\$ 7.920,00
- Entre R\$ 7.920,00 e R\$ 9.240,00
- Entre R\$ 9.240,00 e R\$ 10.560,00
- Entre R\$ 10.560,00 e R\$ 11.880,00
- Entre R\$ 11.880,00 e R\$ 13.200,00
- R\$ 13.200 ou mais

APÊNDICE 2
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O RESPONSÁVEL

Data ____ / ____ / ____ Horário de início: ____/ Término: ____ Duração: _____

Sessão/Encontro No.: _____ Nome do participante _____

- 1) Com quantos anos o seu filho começou a acessar a internet regularmente?
- 2) Com que frequência ele tem acesso a aparelhos eletrônicos conectados? (celular, TV, computador etc.).
- 3) Você supervisiona o acesso de seu filho na internet? Se sim, como
- 4) Quais os conteúdos preferidos do seu filho?
- 5) Quantas horas em média ele acessa a internet por semana? Esse uso é para lazer ou tem alguma outra finalidade?
- 6) O seu filho fala com você sobre os conteúdos que ele assiste? São temas frequentes nas falas dele?
- 7) Você sente que seu filho se compara muito com os youtubers que ele consome?
- 8) Você percebe se seu filho os comportamentos do seu filho são muito impactados com os conteúdos que ele assiste? De quais formas você sente que ele expressa isso?
- 9) Seu filho já te pediu para ter um canal? Se sim, porque você autorizou ou não?

APÊNDICE 3
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE

Data ____ / ____ / ____ Horário de início: ____ / Término: ____ Duração: _____

Sessão/Encontro No.: _____ Nome do participante _____

Materiais: papel sulfite, lápis de cor, canetinhas

Primeira parte: consumo de conteúdo no YouTube

A pesquisadora irá pedir para o participante fazer um desenho sobre o que mais gosta de fazer no celular enquanto conversam sobre o tema

1. Você costuma usar o celular ou o computador? Quais atividades você gosta de fazer? (jogar, assistir filmes, assistir vídeos)
2. Em que momento do seu dia você gosta de realizar essas atividades?
3. Que tipos de vídeo você costuma assistir? Por que você gosta desses vídeos
4. Como você descobriu esses canais ? Seus amigos assistem também?
5. Você tem um Youtuber preferido? Qual?
6. Por que você gosta dos vídeos dessa pessoa?

Ao fim da conversa, a pesquisadora irá pedir para o participante falar um pouco sobre seus desenhos

Segunda parte: autoconceito ligado às expectativas em relação a atividade de influencer mirim

A criança pode optar por continuar o desenho da sessão anterior, ou iniciar um novo, sobre seu youtuber favorito citado anteriormente

1. Na nossa última conversa falamos a respeito dos tipos de vídeo que você gostava de assistir, você já pensou em fazer vídeos como estes?

2. Quais habilidades você acha que o (insira aqui o nome do youtuber citado pelo participante) tem que tornam seus vídeos tão legais?
3. Você acha que tem habilidades parecida com essas?
4. Quais habilidades você acha que te deixariam famoso como o (insira aqui o youtuber citado pelo participante)?
5. Você acha que ser youtuber é um trabalho legal?
6. Você já tentou fazer alguma coisa que o (insira aqui o nome do youtuber citado pelo participante anteriormente) faz? Você conseguiu?

APÊNDICE 4
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Resolução No. 510/2016 da Conep/CNS)

Você e seu filho(a) estão sendo convidados para participar, de forma livre e voluntária, da pesquisa *O consumo de conteúdo no YouTube e seus impactos na infância*, cuja pesquisadora principal é Ana Beatriz Dobelin de Oliveira, estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação do pesquisador responsável, Prof. Dr. Eduardo Name Risk, professor do Departamento de Psicologia da UFSCar. O objetivo desta pesquisa é compreender como conteúdos publicados nas redes sociais por *influencers* mirins/celebridades mirins/crianças famosas impactam a construção do autoconceito/opinião que a criança tem a respeito de si mesma.

Por favor, leia este documento com atenção e calma. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de consentir sua participação, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora por meio dos contatos informados ao final deste documento. Você e seu filho não terão nenhum tipo de penalização ou prejuízo caso não aceitem participar ou desejarem retirar sua autorização de participação em qualquer momento.

A pesquisa será realizada de forma presencial. A participação consistirá em duas etapas:

Na primeira *fase* do estudo, você será convidado(a) a responder um questionário socioeconômico (*online*) que objetiva recolher informações gerais a respeito das condições de vida da sua família (idade, gênero, escolaridade, renda etc.). Caso alguma pergunta do questionário lhe cause incômodo, basta pulá-la. Este questionário será disponibilizado por meio da plataforma Google Forms.

Caso você não conheça ou tenha alguma dificuldade para utilizar esta plataforma, a pesquisadora principal poderá auxiliá-lo, basta entrar em contato com ela. O tempo estimado para resposta ao referido questionário é de 10 minutos, sendo apenas necessária conexão com internet para o envio das suas respostas.

Ao final do questionário socioeconômico (*online*), você será convidado a manifestar sua disponibilidade para participar da segunda fase do estudo que consistirá em: participar de

quatro sessões/encontros presenciais de entrevistas semiestruturadas: (a) em duas sessões/encontros estarão presentes você e a pesquisadora Ana Beatriz Dobelin; (b) em outras duas sessões/encontros participarão apenas a pesquisadora e seu filho(a). A atividade será realizada presencialmente em sala reservada do Serviço Escola em Psicologia (SEPsi) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos ou em sua própria casa, a depender da sua preferência.

Para fins de proteção à contaminação pelo vírus SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, você, seu filho(a) e a pesquisadora principal deverão: utilizar adequadamente máscaras cirúrgicas (cobrir nariz e boca) durante toda sessão e higienizar as mãos com álcool gel antisséptico 70%. Tanto o álcool gel quanto as máscaras cirúrgicas serão fornecidas pela pesquisadora principal.

O tempo de duração estimado para cada sessão é de 40 a 50 minutos sendo que há quatro encontros/sessões programadas que deverão ser agendadas conforme sua disponibilidade e de seu filho(a).

A primeira sessão será realizada com você, no formato de entrevista e terá como objetivo esclarecer os objetivos da pesquisa e conversar a respeito dos hábitos de uso da internet pelo seu filho(a). Além disso, serão feitas perguntas sobre os comportamentos dele e sua personalidade. Você poderá falar à vontade a respeito dos temas que forem mencionados/perguntados e terá liberdade para não responder o que não quiser compartilhar.

A segunda e a terceira sessão serão realizadas apenas com o seu filho(a), no formato de entrevista lúdica, no qual a criança terá acesso a materiais e brinquedos para que se divirta enquanto conversa com a pesquisadora. Nessas sessões serão abordados temas como: uso da internet e dispositivos móveis, consumo de conteúdos no YouTube, preferências de conteúdo, seus youtubers favoritos e suas opiniões sobre eles. Seu filho(a) terá liberdade para desistir de participar das sessões a qualquer momento sem que isso implique qualquer prejuízo ou acarrete qualquer penalidade, represália ou constrangimento à sua pessoa.

Na quarta e última sessão, você será convidado para sessão devolutiva com a pesquisadora, que tem como objetivo deixá-lo a par dos conteúdos trazidos pelo seu filho(a) durante as sessões lúdicas.

As sessões serão gravadas em áudio com a finalidade de registrar o que você e seu filho disserem. O material registrado, tanto do questionário socioeconômico quanto das sessões serão baixados, arquivados e excluídos da “nuvem”. O acesso a esse material ficará restrito à pesquisadora principal e ao seu orientador, sendo arquivado por período de cinco anos. Solicita-se sua autorização para gravação em áudio dessas entrevistas. Esta gravação será transcrita na

íntegra pela pesquisadora principal. É da responsabilidade da pesquisadora principal o armazenamento adequado dos dados coletados a fim de respeitar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante.

A participação na pesquisa não oferece riscos imediatos, no entanto pode oferecer alguns riscos subjetivos, pois a realização das sessões pode remeter a algum desconforto, incômodo e angústia ao evocar sentimentos ou lembranças sobre alguns aspectos de sua vida. Além disso, você ou seu filho eventualmente poderão ficar constrangidos para responder alguma pergunta. Nestas ocasiões, estará assegurada sua liberdade/autonomia de responder apenas às perguntas que se sentir confortável, ou seja, se alguma pergunta lhe incomodar, nenhum de vocês é obrigado a respondê-la.

No entanto, para evitar a ocorrência destes riscos, cada sessão será conduzida pela pesquisadora principal que procurará assegurar ambiente acolhedor, seguro e sem julgamentos. Além disso, a pesquisadora estará atenta a demonstrações de desconforto e constrangimento a fim de evitar temas dos quais vocês não desejem tratar. A pesquisadora principal também será supervisionada pelo orientador, psicólogo com experiência em estudos desta natureza.

Caso não seja possível evitar os riscos e ocorram reações emocionais consideradas significativas, você ou seu filho poderão interromper a qualquer momento a sua participação e entrar em contato com a pesquisadora principal e com seu orientador para acolhimento, aconselhamento e orientação para procura de serviços de saúde mental.

A pesquisa terá como benefício direto oportunidade de contribuir para a compreensão de como os youtubers mirins influenciam seus espectadores, no caso, crianças que consomem conteúdo postado por celebridades mirins nas redes sociais. Além disso, indiretamente busca-se contribuir com a produção científica brasileira e para o entendimento de tema que ainda é pouco explorado no âmbito acadêmico nacional.

Nenhuma questão tem caráter obrigatório, podendo pulá-la (no caso do questionário online) ou deixar de respondê-la (no caso da entrevista individual) caso não se sintam à vontade. Além disto, fica assegurada a você e a seu filho total liberdade de desistir de participar do estudo e de se retirar da pesquisa a qualquer momento em que desejarem fazê-lo, antes, durante ou após o preenchimento do questionário, da participação nas entrevistas, independentemente do motivo, sem que isso implique qualquer prejuízo ou acarrete qualquer penalidade, represália ou constrangimento à sua pessoa.

Mesmo depois de responder os questionários ou de eventualmente ter participado das sessões/encontros, vocês poderão desistir a qualquer momento de participar do estudo, caso não se sintam mais à vontade para prosseguir sem que isso acarrete algum tipo de prejuízo na

sua relação com os pesquisadores e com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Neste caso, você deverá encaminhar e-mail para mim, com cópia (c/c) para o meu orientador (contatos abaixo), a fim de comunicar sua desistência.

Durante a sua participação na pesquisa, bem como em relatórios, publicações científicas e demais materiais relacionados a esta pesquisa, será assegurado sigilo e confidencialidade quanto à sua identidade e a do seu filho e quanto a pessoas, grupos ou instituições que vocês vierem a mencionar durante as sessões de entrevista. Vocês não serão identificados(a) em momento algum, serão empregados nomes fictícios a quaisquer grupos de pessoas que vierem a ser mencionados por vocês ao longo do estudo.

É da responsabilidade da pesquisadora principal o armazenamento adequado dos dados coletados a fim de respeitar o sigilo e a confidencialidade de suas informações. Entretanto, a participação nesta pesquisa envolve riscos derivados de qualquer acesso à internet. Pelo fato do questionário sociodemográfico ser respondido virtualmente/*online* e pelo fato das gravações das entrevistas serem armazenadas brevemente na “nuvem” para depois serem excluídas. Assim, em função das limitações das tecnologias utilizadas, há restrições para assegurar total confidencialidade, havendo risco de sua violação e *hackeamento* inerente a qualquer acesso à internet. Por isso, é importante que você conheça a política de privacidade da plataforma Google: <https://support.google.com/meet/answer/9852160>.

Caso você tenha alguma despesa decorrente de sua participação, por exemplo, transporte e alimentação, você será ressarcido. Você terá direito à indenização por qualquer tipo de dano, efetivamente comprovado, resultante da sua participação nesta pesquisa. Caso tenha interesse em conhecer os resultados gerais da pesquisa, você pode solicitar a pesquisadora, por uma das formas de contato abaixo.

A fim de registrar seu consentimento, você deverá preencher os campos em branco adiante e optar pelas seguintes formas de assinatura: (a) assiná-lo presencialmente em formato impresso; (b) preencher o presente documento, gerar um arquivo PDF de seu conteúdo e assiná-lo digitalmente por meio do Portal de Assinatura Eletrônica a partir de sua conta gov.br. A pesquisadora principal irá orientar você a respeito de como assinar o TCLE de acordo com a forma que você optar.

Cumpramos destacar que ao preencher este TCLE, você irá:

(1) Aceitar a sua participação e a do seu filho na pesquisa, o que corresponderá à assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso tenha assinado digitalmente (via conta gov.br), solicito que você imprima ou salve as páginas do TCLE em seu equipamento pessoal. No entanto, caso prefira, você poderá solicitar aos pesquisadores o

envio deste documento via e-mail ou via correios. Caso tenha assinado o TCLE no formato impresso, você receberá uma cópia deste documento. É importante que você guarde em seus arquivos pessoais uma cópia deste documento (TCLE);

(2) Responder ao questionário online a respeito de seus dados socioeconômicos;

(3) Ser convidado a participar de duas sessões/encontros de entrevista presencial com a pesquisadora principal;

(4) Manifestar ciência de que seu filho(a) será convidado a participar de duas sessões/encontros de entrevista lúdica presencial com a pesquisadora principal.

Após aceitar participar desta pesquisa e preencher o questionário socioeconômico, será disponibilizado formulário *online*, no qual você deverá preencher/apresentar sua disponibilidade de dias da semana e horários livres para a participação nas entrevistas. Após isso, a pesquisadora principal entrará em contato, via e-mail, telefone ou WhatsApp, de acordo com sua preferência, para realizar o agendamento conforme sua disponibilidade. Cada sessão terá duração média de 40 a 50 minutos e será agendada conforme a sua disponibilidade.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Eu, _____, li esse Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), compreendi os objetivos, riscos e

benefícios do estudo para o qual autorizo minha participação e a participação de _____, criança pela qual sou legalmente responsável. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que eu e meu filho(a) somos livres para interromper a participação a qualquer momento sem justificar nossa decisão e sem qualquer prejuízo para mim e para meu filho.

Local: _____

Data: _____

Assinatura do pai ou mãe ou responsável legal

Prof. Dr. Eduardo Name Risk
Pesquisador responsável

Contatos:

Pesquisadora principal/estudante: Ana Beatriz D. de Oliveira - anadobelin@estudante.ufscar.br

Pesquisador responsável / orientador: Prof. Dr. Eduardo Name Risk - eduardorisk@ufscar.br

Endereço: Laboratório Interdisciplinar para o Estudo do Psiquismo Humano (LIEPH).
GEEPCSS - Grupo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Clínica, Subjetividade e Sociedade.
Departamento de Psicologia. Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. Rodovia Washington Luís, Km 235, CEP 13565-905, São Carlos-SP, Brasil.

APÊNDICE 5
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE
(Resolução No. 510/2016 da Conep/CNS)

Conforme conversei com meus pais e com a pesquisadora, Ana Beatriz, fui convidado a partir da pesquisa *Youtubers mirins e o impacto de seu conteúdo na subjetividade infantil*. Com a autorização dos meus responsáveis, fui informado(a) pela pesquisadora que o objetivo da pesquisa e das nossas atividades é entender como os vídeos que eu assisto na internet transformam quem eu sou.

A pesquisadora me explicou que um pesquisador é alguém que gosta de investigar o mundo em que vivemos, mas para isso precisa de ajuda. Minha participação irá ajudá-la em seu trabalho de pesquisa sobre crianças, para isso ela disse que irei participar de duas conversas com ela, nas quais vou responder perguntas sobre como eu uso a internet, de quais vídeos eu gosto de assistir e sobre os youtubers de que eu mais gosto. Caso eu me sinta cansado, entediado ou de qualquer modo desconfortável, eu devo avisar a pesquisadora sobre isso e não sou obrigado a continuar participando da conversa.

A minha participação não envolve nenhum custo e não é obrigatória, poderei desistir de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer castigo para mim. A pesquisadora me falou que mesmo os meus pais permitindo que eu participe da pesquisa, eu posso decidir se quero participar ou não. Meu nome será mantido em segredo e o que eu disser será gravado apenas para que ela possa se lembrar mais facilmente do que eu disser.

Eu pude tirar todas as minhas dúvidas e, caso me lembre de algo, posso perguntar à pesquisadora a qualquer momento, fui informado de que meus responsáveis tem o telefone e WhatsApp da pesquisadora. Sendo assim, deverei fazer um X na figura que está em verde (positivo) para mostrar que quero participar da pesquisa OU fazer um X na figura que está em vermelho (negativo) para sinalizar que não quero participar da pesquisa.



Eu, _____, aceito participar da pesquisa *Youtubers mirins e seu impacto na subjetividade infantil*. Com a autorização dos meus responsáveis, fui informado(a) pela pesquisadora que o objetivo da pesquisa e das nossas atividades é entender como os vídeos que eu assisto na internet transformam quem eu sou. Fui também informado(a) de que posso desistir de participar a qualquer momento e que meu nome será guardado em segredo.

_____, _____ de _____ de 2023.

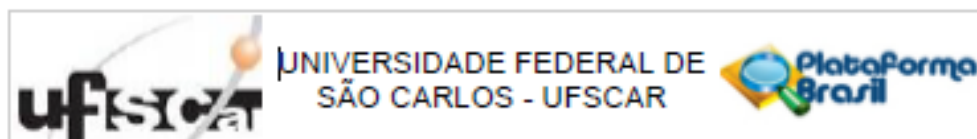
Assinatura da criança



ANEXOS

ANEXO 1

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS - CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Youtubers Mirins e o impacto de seu conteúdo na subjetividade Infantil

Pesquisador: Eduardo Name Risk

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69404523.6.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.109.214

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2124882.pdf, anexado em 05/05/2023 e do documento "projeto.pdf", anexado em 05/05/2023:

Com o advento da tecnologia surge a necessidade de avaliar os impactos desses novos aparatos na dimensão subjetiva de seus usuários que se encontram cada vez mais imersos na cultura do meio virtual. Levando em consideração que a infância é entendida hoje como uma estrutura social que sofre influência direta de mudanças nas estruturas sociais, o presente estudo busca compreender, por meio de investigação qualitativa, como o uso das redes sociais digitais, em especial o Youtube, afeta as percepções de mundo e de sucesso durante essa fase do desenvolvimento. Participarão do estudo 3 crianças com idade entre 8 e 12 anos que consomem conteúdo digital produzido por outras crianças: os chamados youtubers mirins. Além disso, um de seus responsáveis (pai, mãe, avós) também será entrevistado (3 adultos). Portanto, participarão do estudo 6 pessoas. Serão realizadas com os participantes entrevistas lúdicas, bem como entrevistas semiestruturadas com seus responsáveis a respeito do tema. Por fim, serão analisados também os principais canais citados pelas crianças como referência.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-0885 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.109.214

Método:

Trata-se de investigação qualitativa que, segundo Minayo (2001), é uma modalidade que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, tocando em um espaço mais profundo das relações, dos processos e de fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Será feito o uso de entrevistas semiestruturadas, acompanhadas do uso de técnicas lúdicas, buscando entender como ocorre o consumo de conteúdo produzido por influencers mirins por outras crianças, bem como estas produções afetam o autoconceito de seus telespectadores. Além disso, serão visitados também os principais canais mencionados pelos participantes como referência ao longo da pesquisa, na tentativa de contextualizar seu desenvolvimento ao longo das sessões. Para maiores informações, consulte o campo "Introdução" do protocolo de pesquisa, uma vez que não houve espaço para descrição mais detalhada do método no campo "metodologia proposta".

Recrutamento:

Em relação ao recrutamento dos participantes este acontecerá pelo método bola de neve. Segundo Vinuto (2014), o tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística. A bola de neve fundamenta-se em cadeias de referência: não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa. Apesar disso, a abordagem torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados, uma vez que os próprios participantes indicam novos contatos. No caso, a estudante, autora do projeto, Ana Dobelin, convidará uma família de sua rede de contato para participar do estudo. Por conseguinte, esta família será convidada a indicar, a partir de sua rede de contatos, uma família cujo filho preencha o perfil apresentado no critério de inclusão e assim sucessivamente.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como conteúdos publicados nas redes sociais por influencers mirins contribuem para a formação da subjetividade de crianças.

Objetivo Secundário:

Descrever como as redes sociais digitais impactam o autoconceito de seus usuários com base em suas interações com os influencers mirins no meio digital.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-005

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-0685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação na pesquisa não oferece riscos imediatos, no entanto pode oferecer alguns riscos subjetivos, pois a realização das sessões pode remeter a algum desconforto, incômodo e angústia ao evocar sentimentos ou lembranças sobre alguns aspectos de sua vida. Além disso, você ou seu filho eventualmente poderão ficar constrangidos para responder alguma pergunta. Nestas ocasiões, estará assegurada sua liberdade/autonomia de responder apenas às perguntas que se sentir confortável, ou seja, se alguma pergunta lhe incomodar, nenhum de vocês é obrigado a respondê-la. No entanto, para evitar a ocorrência destes riscos, cada sessão será conduzida pela pesquisadora principal que procurará assegurar ambiente acolhedor, seguro e sem julgamentos. Além disso, a pesquisadora estará atenta a demonstrações de desconforto e constrangimento a fim de evitar temas dos quais vocês não desejem tratar. A pesquisadora principal também será supervisionada pelo orientador, psicólogo com experiência em estudos desta natureza. Caso não seja possível evitar os riscos e ocorram reações emocionais consideradas significativas, você ou seu filho poderão interromper a qualquer momento a sua participação e entrar em contato com a pesquisadora principal e com seu orientador para acolhimento, aconselhamento e orientação para procura de serviços de saúde mental.

Benefícios:

A pesquisa terá como benefício direto oportunidade de contribuir para a compreensão de como os youtubers mirins influenciam seus espectadores, no caso, crianças que consomem conteúdo postado por celebridades mirins nas redes sociais. Além disso, indiretamente busca-se contribuir com a produção científica brasileira e para o entendimento de tema que ainda é pouco explorado no âmbito acadêmico nacional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

vide campo "conclusões ou pendências e lista de inadequações"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados os seguintes documentos obrigatórios e complementares (anexados em 05/05/2023):

- PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2124882.pdf;
- roteiro de entrevista com os participantes - "roteiro.pdf";
- folha de rosto - "folha.pdf";



Continuação do Parecer: 6.109.214

- modelo de questionário socioeconômico a ser preenchido pelos responsáveis pelas crianças- "questionario.pdf";
- roteiro de entrevista com os responsáveis - "entrevista.pdf";
- projeto.pdf;
- TALE.pdf;
- TCLE.pdf.

Recomendações:

vide campo "conclusões ou pendências e lista de inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No que se refere à apreciação ética do projeto, à luz da Resolução CNS 510/2016 (quanto ao processo e registro de consentimento e assentimento apresentados nos documentos TALE.pdf, TCLE.pdf, e dos demais documentos apresentados no protocolo (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2124882.pdf; roteiro de entrevista com os participantes - "roteiro.pdf"; folha de rosto - "folha.pdf"; modelo de questionário socioeconômico a ser preenchido pelos responsáveis pelas crianças-"questionario.pdf"; roteiro de entrevista com os responsáveis - "entrevista.pdf"; e "projeto.pdf", anexados em 05/05/2023, este colegiado não encontrou pendências a respeito do protocolo de pesquisa apresentado e, portanto, considera o apto para aprovação. A apreciação ética do projeto submetido a este CEP considerou os itens abaixo elencados para a emissão deste parecer:

- O processo de comunicação do consentimento e do assentimento está em formato adequado;
- Há a descrição do momento, condição e local do processo de consentimento;
- Apresenta o tempo previsto para a participação em cada etapa da pesquisa;
- O momento, condição e local do processo de consentimento estão adequados;
- Consta o roteiro do processo de consentimento, descrevendo as informações sobre a pesquisa a serem transmitidas de forma acessível e transparente ao(s) convidado(s) a participar da pesquisa;
- É garantida ao participante a privacidade;
- É garantida ao participante a confidencialidade das informações pessoais;
- É garantido ao participante ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa nos termos da lei;
- É garantido ao participante o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa;
- Apresenta informação sobre a forma de acompanhamento;
- Apresenta informação sobre assistência;

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-0685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.108.214

- Apresenta Informação sobre os potenciais benefícios da pesquisa;
- Apresenta garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa;
- Apresenta explicitação da garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa;
- Apresenta Informação do endereço, e-mail e contato telefônico dos responsáveis pela pesquisa;
- Apresenta breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local;
- Apresenta garantia de acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado;
- O convite individual esclarece ao candidato a participante de pesquisa que antes de responder às perguntas a pesquisadora disponibilizará o termo de consentimento e assentimento para a sua anuência;
- A pesquisadora apresenta a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico;
- Apresenta a garantia ao participante quanto ao direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, bem como sem quaisquer prejuízos;
- Apresenta a garantia de se retirar da pesquisa a qualquer momento;
- - Apresenta a garantia quanto ao direito de acesso ao teor do conteúdo do Instrumento(tópicos que serão abordados) antes de responder às perguntas, para uma tomada de decisão informada.

Embasamento(s):

RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016, disponível em:

<http://www.propq.ufscar.br/etica/Reso510.pdf>

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-005
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-0685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.109.214

término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delimitado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BÁSICAS DO PROJETO 2124882.pdf	05/05/2023 17:12:30		Acelto
Outros	relatorio.pdf	05/05/2023 16:30:56	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto
Outros	entrevista.pdf	05/05/2023 16:30:33	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto
Folha de Rosto	folha.pdf	05/05/2023 16:29:42	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto
Outros	questionario.pdf	05/05/2023 16:28:57	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	05/05/2023 16:28:01	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	05/05/2023 16:26:03	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/05/2023 16:25:51	Ana Beatriz DobeIn de Oliveira	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-0685

E-mail: cephumanos@ufscar.br